

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA



SUMMARIO.— O progresso das idéas.— Ensaaios litterarios, o sonho acordado. — D'onde venho e para onde vou. — Elle e Ella. — Poesias: A' Celina; Soneto. — Chronica.



O Progreso das idéas

As idéas são como os homens.

Umas nascem obscuras, vivem no esquecimento e no desprezo e depois morrem, sem terem vingado, sem terem produzido o menor abalo; são as idéas estereis e anãs. Outras, ao contrario, trazem ao nascer o cunho da aristocracia, produzem sensação, fazem escola, e deixão sobre a terra uma prole immensa de adeptos.

Os homens fazem-lhes a apothéose e erguem-lhes altares em todos os corações; estas são as idéas fecundas e immortaes, filhas do genio e do talento.

Umas são nocivas e assassinas, como as de Loyóla, outras austeras, como as de Luthero, outras ousadas e revolucionarias, como as de Christo.

Velhos e retrogradas, ellas são a incarnação do passado; moças e cheias de vida, ellas representam o porvir. As vezes são forçadas á usar mascara e á trajar manto hypo-

crita, afim de lhes ser permittido passar incolumes na praça publica ; outras vezes, por uma timidez natural ou por falta de *passaporte*, occultam-se nas trevas, exilam-se espontaneamente para os desertos ; ou então lançam mão, no seu desespero, de um ultimo recurso — suicidam-se.

Algumas vezes, é verdade, desafivelam a mascara ; mas para tornarem-se palacianas, e melhor cortejarem a effigie da força, os Napoleões, os Nicolãos da Russia, etc. Ellas curvam tanto a frente, andam tão cabisbaixas, que o povo julga-as amordaçadas, aponta-as e conhece-as pelo andar.

Em compensação, quando descem até as camadas inferiores, quando tornam-se democratas, o povo entra em relação com ellas, comprehende-lhes a linguagem tosca, ama-as apaixonadamente, adora-as mesmo até o fanatismo, offerece-lhes o braço vigoroso, onde ellas se apoiam ; e é assim que o povo marcha para as revoluções.

Filhas do movimento, pois que ellas não são mais do que productos da intelligencia posta em movimento, ou antes da actividade intellectual, as idéas nunca se acham em repouso absoluto ; movem-se, agitam-se, chocam-se, transformam-se, produzem um certo trabalho ; dão luz, isto é, convertem-se em luzeiros que guião a marcha dos acontecimentos ; desenvolvem um calor mais ou menos abrasador — o enthusiasmo ; causam um grande ruído pela sua novidade ; são sympathicas ou attractivas, antipathicas ou repulsivas ; são levianas ou graves, ou então possuem uma certa densidade, conforme provém ellas da imaginação ou do raciocinio solido e vigoroso.

E' assim que as idéas, como os homens, estão sujeitas à lei do progresso, e, na phrase de A. Comte, ellas descrevem na sua marcha uma curva, que tem sua origem no *Genesis* e cujo ramo ascendente dirige-se infinitamente para um ponto remoto — o futuro.

Esta curva tem uma equação—a historia. Esta equação nos fornece duas grandes abscissas—o periodo antigo e o periodo moderno. Afim de conseguir o traçado da curva, por meio dos seus pontos principaes, estudaremos rapidamente a historia.

A historia é para o observador attento o que o mar é para o mergulhador e o que o céu é para o astrónomo. Aquelle, embuçado na escaphandra, penetra na massa liquida, prescruta a enorme bacia e caminhando por entre

as ossadas dos navios, encontra às vezes uma perola preciosa; este, com seu olho poderoso, o telescópio, assignala por acaso no campo da visão um astro desconhecido. Entretanto a estrella e a perola já existiam, embora ignoradas, uma no fundo do mar, outra no fundo do armamento.

E' assim a historia. Cada vez que meditamos sobre o seu conjunto, ella nos abre o seu seio vasto e profundo e muitas vezes nos deixa ahí ver uma idéa, que no primeiro relancear passou-nos desapercibida.

A historia tem, como a terra, os seus *Hymalaïas* e os seus valles tenebrosos, os seus *Saharas* e os seus *Asphaltitas*, os seus volcões e os seus terremotos.

A historia, em ultima analyse, é o templo enorme das idéas, em cuja naxe se acham espalhadas as carneiras, onde repousão as cinzas dos nossos antepassados e em cujo santuario se asylo todos os trophéos, todas as conquistas da civilisação.

Penetremos, pois, cheios de um sagrado recolhimento neste immenso templo, e caminhemos cautelosamente por entre as campas. Façamos como o mergulhador, excavemos, mas não calquemos as reliquias veneraveis; interroguemos as caveiras e procuremos desta sorte fazer surgir do pó alguma idéa preciosa; ou antes, imitemos o astrónomo, tomemos uma lente, o microscópio, sondemos o interior dos craneos e assignalemos as grandes idéas que habitam sob essas abobadas respeitaveis.

E assim, por meio da analyse, procuraremos, tanto quanto nos fôr possível, estudar a lei do progresso das idéas, considerando estas no seu desenvolvimento moral, intellectual e social. Neste intuito, lançaremos um golpe de vista rapido sobre as duas civilisações, antiga e moderna.

RODOLPHO P. BRASIL.

(Continúa).



Ensaaios litterarios

O SONHO ACORDADO

(FANTASIA)

A' JOSE' FAUSTINO

(Continuação)

Me achei em frente de um templo cercado de frondosos arvoredos, que formavam por sobre minha cabeça uma vasta abobada, cuja côr verde encantava a vista e seduzia o coração.

Magestoso monumento !

A alma humana muitas vezes recolhe-se respeitosa e pasma de admiração ante o quadro do pintor, ante a esttua do escultor, ante as columnas do architecto, ante as maravilhas da arte, em summa, e tão poucas vezes encontra na natureza, nessa imagem da perfeição, nesse conjunto de harmonias, nesse painel traçado pela mão de Deos que os genios têm imitado e nunca retratado, — o que a faça retrahir-se humilde e pequena ante a magestade da obra, ante a sabedoria, delicadeza e esmero de seo Obreiro ! Jamais tão profundo recolhimento e respeito tinham amesquinhado tanto, em presença de tamanha magnificencia, a mim, que via quotidianamente o céo immenso, embuçado no espaço infinito, retratar-se salpicado de mundos brilhantes, no mar — espelho da immensidão.

Estatico contemplei o que cercava esse templo — tudo era bello; penetrei — e tudo era magestoso ! No seo interior — longas avenidas conduziam a espaçosas salas, cujas paredes se perdiam ante os meos olhos; — innumerables columnas gothicas de altura elevadissima, em cujos capiteis descansavam effigies dignas de adoração, se achavam espalhadas, aqui e ali; — archibancadas immensas se desenhavam ao longe, por sobre o polido marmore de Carrara, circumdando as paredes !

Julguei-me debaixo do velho céo da Italia, na Basilica

de S. Pedro ou no Vaticano ! Cria-me sonhando, e, acordado, dormia ! Procurei o altar da Deusa desse templo, e, perdido, me achei sob o seu zimbório ! Tentei encontrar o caminho por onde havia chegado até ali, e, quanto mais o procurava, mais delle me afastava !

Um instinto poderoso me levava para o sanctuario daquelle templo; um poder magico, semelhante ao do abysmo que attrahe, que magnetisa, que fascina, me arrastava, sem que a alma comprehendesse o desejado, sem que a vontade tivesse consciencia do desejo !

Eu seguia timorato e silencioso, me julgando a sós, quando, de subito, oh ! surpresa aterradora ! senti os meos pulsos presos por umas mãos frias, cujos gelidos dedos me pareceram, a principio, ólos de uma cadeia ferrea !

Estremeci apoderado de um pavor de morte ! O vulto, que assim me prendia, arrastava commigo sem dizer palavra ! Assombrado, debalde eu fazia esforços gigantes para perguntar-lhe quem era ! Tinha-se sumido de meos labios — a falla, de meos olhos — a luz, de meo cerebro — a razão, e, machinalmente, trocava os passos ! De repente, fui transportado, como por encanto, do inferno ao purgatorio, do purgatorio ao céu, onde me foram restituídas — a razão, a vista e a falla, e onde se desdobrava aos meos olhos o que de mais sublime e sumptuoso pode ser dado a gozar a um mortal !

Pasmo de tanta pompa, estupefacto olhei o que me cercava, julgando ter penetrado no céu da mythologia, no templo de Venus ! Nunca, em meos dias, sonhei ver nada de mais esplendido, nem jamais pensei ficar tão assombrado de encantos : é que eu tinha penetrado no tabernáculo do templo da deusa.

O que havia ali de belleza, de riqueza e de primor de arte, não se poderia descrever : no dialécto humano, faltariam palavras cujo accentu e reunião o exprimissem ; na natureza, o homem não saberia encontrar côres cuja viveza e combinação o reproduzissem ! O zimbório, as paredes, as esphinges, as driadas, as lavragens, emfim, esculpidas nesse tabernáculo, só poderiam ser talladas pelo sinzél de Deos, d'Este sublime escultor das conchas, das perolas, — das flôres, dos fructos, — da plumagem das aves, — da graça das mulheres, — do brilho das estrellas, — da grandeza do Universo, em summa, sua obra

— prima, uma e unica. Amphoras de saphira, vasos de esmeralda, jarros de brilhante do tamanho das naves de outros templos, lampadas de ouro da grandeza de suas torres, — se achavam suspensos aqui e ali, como estrellas no firmamento, em serena noite de escuro ! Mil soes, que ali estivessem, não derramariam tanta luz; mil jardins de Flora, ali plantados, não dariam tão variadas flôres nem desprenderiam tanta aroma !

Toda essa sumptuosidade, todo esse esplendor, toda essa magnificencia, que acabo de descrever imperfeitamente, era nada em presença do altar, que só me foi dado ver por ultimo.

Os innumerados degrãos deste altar tinham tantas estatuas, tantos bustos, quantos grãos de areia contem o mar no seo alveo ! No capitel da columna que descansava no seo mais elevado degrão, tinha os pés uma Deusa mais bella do que a propria Venns.

Via-se: à sua direita — o album da Ante; à sua esquerda — o livro da Sciencia; e a seus pés — a espada de Guerreiro. Com uma trombeta nos labios; envolvida n'uma immensa bandeira, pagina immensa, onde se achava estampada a historia das Nações de todos os tempos; e tendo por azas dous fios electricos, transmissores da fama e arautos do renome; reflectia essa Deusa mais luz sobre aquelles bustos do que o sól sobre o mais brilhante dos brilhantes da terra !

No auge do supremo gozo, sorvendo só aromas e respirando só delicias, cahi aos pés do vulto quo ali me levava, e disse-lhe : « Fantasma feliz, anjo ou fada, que aqui me trouxeste, quem és ? » Mal eu acabava de fazer esta pergunta, o vulto sumira-se, mais uma estatua appareceu no altar da Deusa, e, immediatamente mil vozes melodiosas, acompanhadas pelo alarima de mil trombetas, me respondiam com accentos harmoniosos, que repercutiam ao longe, e que morriam nos confins daquelle recinto — sonoros e suaves como o brando canto das serenas em desertos mares. Houve uma pequena pausa, depois da qual ouvi, de cima para baixo, cada uma daquellas estatuas, agora visões, entoar hosannas, elevar um hymno à Deusa daquelle templo — à Gloria !

Antes de expirarem os hymnos, partiram, de junto à Deusa, duas vozes, produzindo estampido igual ao de mil

raios que se fundissem sobre um rochedo: dos labios fluentes de dois oradores, emanava um verbo tão eloquente que temi desabasse sobre minha cabeça não só o zimbório do templo, mas também a cupola dos céos! Timido e humilde, procurei um dos cantos daquelle sanctuario, e, amedrontado, de cabellos ericados, tentava confundir-me com a parede! Os vultos, que assim fallavam mais alto do que as tempestades, eram — Cicero e Mirabeau. Depois, Virgilio e Dante recitam — aquelle, sua Enéida — este, sua Divina Comedia, e, pasmo de ouvir-os, senti em mim uma triplice vida. Guttemberg, Colombo, Galileo, Newton, e muitos outros immortaes, tinham o seu lugar de honra naquella altar, e concentravam mais luz em suas fronteiras do que o sol no seu centro luminoso! Prostrado ás barras do altar dos altares, elevava minhas preces aquella Deusa, quando, fazendo um esforço gigante para que minha fraca voz, subindo os mais degrãos, chegasse até ao ultimo — acordei!

Rio de Janeiro, em 1874.

TITO AMARAL.



De onde venho e para onde vou

AO MEU AMIGO TITO AMARAL

(Continuação do n. 9.)

III

A SCIENCIA E A EXPERIENCIA

A sciencia enruga a fronte, encara o joven com austeridade, e, quasi com desprezo e arrogancia, perguntou-lhe: « O que queres? » « Quero saber desta caverna horrivel, onde só vejo a miseria, a dôr e a desventura; mostra-me o caminho! »

A Sciencia olhou-o com ar de escarneo, e por entre um sorriso ironico disse :

« Estaes louco!... Sahir d'esta caverna?!... Impossivel. Não vês estes formidaveis rochedos? Alli quebram-se as aspirações — ondas do coração; alli dissipam-se todas as illusões; alli espedaça-se a imaginação — andorinha arrojada que, em seu vôo altaneiro pelo espaço infinito, offuscada pela luz deste sol — a gloria, não vê o alvacentu granito — Realidade, vae de encontro a elle, cabe prostrada, e não pôde mais se erguer: tu és a andorinha, cahiste na realidade; fica sabendo que d'aqui não se sahe. »

« Não é possivel; dizem, que a senda da verdade é o caminho que devo seguir; mostra-m'o; quero sahir. »

« Já te disse: d'aqui não se pôde sahir; o caminho da verdade é este por onde vieste, a verdade é a Realidade, tudo mais é illusão, mentira! Além d'isto que vês, nada mais existe. »

« Não o creio; quem vos disse? »

« Eu. Impellida pela sede insaciavel de saber, de tudo conhecer, de explicar tudo; indagando a causa de todos os factos e de todos os phenomenos, lancei os olhos pelo espaço infinito, sondei o tempo tambem infinito, analysei o passado, e previ o futuro; percorri a escala ascendente da criação, desde o excessivamente pequeno, que estudei com o microscopio, até o extremamente grande, que explorei com o telescopio; prescrutei a natureza inteira, desde o mineral até o animal; e, depois de muito observar, experimentar, e comparar, conclui que só a materia existe; tudo é materia e movimento; por isso affirmo: « além disto que vês, nada mais existe. » « Não é possivel! Só vejo o horror, a miseria, a corrupção, e a desventura!... Onde está a felicidade? »

« Não existe; a felicidade é illusão, e já te disse que aqui terminam as illusões. »

« Impossivel! Minha Mãe ensinou-me que, além deste mundo, ha outro — o da felicidade onde não ha trevas e só ha luz, onde não ha lagrimas e sómente risos. »

« Historias.... Depois desta vida não ha outra: sómente a Realidade existe; aqui termina tudo; a morte tudo acaba, e a morte é uma simples transformação da materia; breve chegará tua vez, serás reduzido a pó, transformado em vermes, e está tudo findo, fica certo d'isto. »

Diz a Experiencia : « Estaes ouvindo ?

A vida é curta, e depois desta, não ha outra ; portanto, procura desfructa-la o mais que possas, entrega-te aos prazeres, forma, tu mesmo, uma felicidade para ti, porque outra não encontrarás. »

« Oh ! é horrivel ! A vida é tão curta, tão trabalhosa, tão cheia de dissabores ; e não haver outra ?!... Ao menos mostra-me os meios, porque possa melhor desfructar os dias que me restam. »

A Experiencia : « Qualquer que seja o meio ? comtanto que gozes : evita o trabalho, por ser muito penoso ; entrega-te ás delicias ; procura agradar aos outros homens para que te facilitem os prazeres ; trata de imital-os ; elogia os seus defeitos ; estimula seu amor proprio ; sê indifferente ás suas mazellas ; habitua-te á corrupção ; e assim conseguirás tudo. »

« Oh ! desprezar a virtude ! Nunca ! »

« A virtude.... e sempre a virtude ! ..

Que merito tem ella ? Todos os dias a vejo desprestigiada : os homens honestos abandonados, atirados a um canto, ao passo que os corrompidos galgam altas posições. E' isto o que eu vejo todos os dias e por toda a parte ; fica certo d'isto : os homens não apreciam a virtude, e como não ha outra vida, segundo te acabo de affirmar, a Sciencia, tua virtude ficará sem valor ; entretanto, o ser virtuoso constitue um sacrificio tremendo, e, como vês, será um sacrificio inutil ou antes prejudicial. »

« Não é possivel ; estaes enganada ; a justica dos homens não é como dizes : os criminosos são condemnados. »

« Laboras em erro : são condemnados os imbecis, que não sabem salvar as apparencias : sê hypocrita, e conseguirás illudir a justica dos homens : é isto mesmo o que elles querem, fazem questão apenas de forma de apparencias. »

« Resta-me a Consciencia, que ficará tranquilla se eu obrar bem, e me accusará se eu proceder mal. »

« A consciencia ?... Ainda és muito ingenuo !

A consciencia é elastica, e varia como o pensamento, muda com as idéas dos homens ; se hoje seguirees uma doutrina, tua consciencia encherá-se de tudo segundo estas idéas ; se mudares de modo de pensar, tua consciencia achará justo

tudo quanto fizeres; ou, julgas, talvez, que a consciencia seja uma segunda entidade, que esteja dentro de ti, podendo pensar de modo diverso ao teu?!... Pensa bem no que te digo, eu sou a Experiencia, segue os meus conselhos. »

« Nunca, mulher. »

« Então, eu que sou a Experiencia, eu que conheço os homens, te digo: Serás desgraçado; os outros homens te odiarão porque não pactuas com seus abusos, porque não elogias seus defeitos; todos gostam da adulação. Se fugirdes do vicio e evitardes a companhia dos maos, em vez de virtuoso, te chamarão soberbo e hypocrita. Se tiverdes merito, tanto peor; o merito luta com um milhão de difficuldades para apparecer; é preciso que seja um merito superior para o conseguir; e, assim mesmo, nunca surge puro, tem-se sempre alguma cousa a dizer, todo o mundo encontra sempre algum senão; o merito tem contra si a inveja, verme que tudo corroe, e que existe mais ou menos na coração de todos, mesmo no daquelles que procuram moralisar a sociedade. Não queres crêr no que te digo? Observa então, percorre todas as classes da sociedade, desde as superiores até as inferiores, ide aos sábios, aos artistas, aos politicos, aos medicos, aos advogados, etc., e por toda a parte encontrareis a inveja; entre os escriptores, então, é uma lastima; e são elles os juizes do merito. Vêde bem, eu sou a Experiencia, segue os meus conselhos. »

« Nunca. Já t'o disse uma vez. Mostra-me algum canto obscuro, retirado dos homens, onde possa, se não feliz, ao menos viver com algum socego. »

A Sciencia: « Não podes fugir da companhia dos homens; a sociabilidade é uma lei natural. »

Diz a Experiencia: « Só conheço um meio para sahirdes da companhia d'elles — é a morte. »

Diz a Sciencia: « E isto é muito simples, é apenas uma transformação da materia, phenomeno, que, mais cedo ou mais tarde, se ha de operar; podes até accelerar sua execução: se o queres fazer toma este pósinho verde, e eis a questão resolvida. »

O joven recebeu a dadiua da Sciencia, e, triste, cabisbaixo e abatido, foi sentar-se em uma pedra junto à montanha.

Cruel desillusão!

A Sciencia lhe ensinara que o virtuoso e o justo terião

o mesmo fim do miseravel, ladrão ou assassino: além da tumba, nenhum premio, nenhum castigo !

A Experiencia ainda foi além: mostrou-lhe o *cavalheiro de industria* gosando mais que o homem probó.

Lição terrivel ! Deixou-lhe na alma o desespero, e na cabeça um volcão !

Via por terra todas as suas illusões, suas crenças todas abatidas !

Nunca mais veria sua querida Mãe; seu Pae e suas irmãs tinham sido separados d'elle para sempre ; a esperança, que lhe restava de tornar-os a vêr, baqueara : não havia outro mundo onde os pudesse encontrar !

Seu coração, outr'ora rico de aspirações elevadas, de sentimentos nobres, cheio de vício e seiva, estava agora reduzido a pó, a cinza, a nada, ressequido como a folha secca que roja pelo chão !

Então, descreu dos homens, descreu de suas leis, descreu da virtude, descreu da justiça, descreu da verdade, descreu de tudo, descreu até de vós, Senhor Deus!...

Entre dilemma terrivel estava collocado : ou o aviltamento, ou o desespero ; ou rebaixar-se para poder viver entre os mais homens, ou isolar-se no meio da multidão, odiando a todos e sendo por todos odiado ; ou tornar-se cynico, ou misanthropo ; de um lado — a morte moral, de outro ainda — a morte moral !

E para fugir a estes dois suicidios, só lhe restava a offerta da Sciencia — o veneno, isto é, ao mesmo tempo a morte physica e a morte moral: duplo suicidio ! Desespero atroz !

Eis o estado a que o reduziram a Realidade, a Sciencia e a Experiencia !

Sem nenhum recurso, banhado em pranto, em desespero extremo, diz consigo mesmo : « Não, não é possível ; Deus existe. »

Ergue, então, os olhos para o céu e exclama :

Senhor Deus que sorte horrenda !

Quanta desgraça tremenda

Destinaste para mim !

E que crimes, oh ! Senhor meu Deus,

Que crimes forão os meus,

Para que soffro eu assim ?

(Do author)

Era uma supplica que enviava aos céos, e foi ouvida por Deus. — (Continúa.)

Elle e Ella

(FRAGMENTO)

Elle chamava-se Luiz. Era uma criança. Era alguma coisa mais, e alguma coisa menos. Era um orphão. Esta palavra é terrível. Traduzida quer dizer infortunio. Orphão! é a formulã, a expressão synthetica da dôr. Quem nunca vio um dia, por ali alem, assentado na soleira de um templo, ou no derradeiro degrão da escada em corredor quasi escuro, uma criança loura, de olhos azues, vivos e scintillantes, com um farrapo lançado sobre os hombros delgados, os pesinhos nus sobre o solo frio, e a implorar, com o sorriso da innocencia nos labios, um pedacinho de pão?

Essa criança não tem nome. Chama-se Orphão. Esta palavra é uma nota triste. Corta o coração, biparte as fibras todas da alma. Quem diz orphão, diz pezar, diz soffrimento, diz martyrio, diz luta, diz céu, e diz tambem inferno.

Céu e inferno. Não é um consorcio hybrido? Gozo e pezar. Os extremos se tocam. A força intima liga elementos contrarios. Mas o orphão deve ser uma criança do céu. Deus devia amparar sob o seu escudo esses anjinhos mimosos. A criança ouviu um dia pronunciar com respeito e reconhecimento essa palavra simples e complexa: Deus. Palavra complexa. De facto o é. Os seculos criaram mil typos, e fundiram-n'os todos em um cadinho só. O resultado chamou-se Deus. Deus é o artista sublime, que architectou o universo. Fallou no cahos: *Fiat lux*. E as trevas dissiparam-se. E' grande e magnanimo. Fez o homem à sua imagem e semelhança, entevio o instinto de sociabilidade e formou a mulher. O Paraíso terreal esperava-os. Gosavam só. Mas o homem não sei onde adquirio o instinto do mal. Esta parte da obra não pertence à Deus.

O homem precipita-se no crime. Desobedece a ordem de Deus. D'ahi a colera celeste. Deus torna-se cruel. *Homem, comers o pão com o suor de teu rosto. Mulher, parirás com dor*. E' a fabula do Genesis. Deus é máo tambem.

Isto foi um parenthesis. Tornemos à criança.

E quando o vento sibilando, fazia ondular, como o estandarte da miseria, a camisa despedaçada que lhe

occultava o corpinho leve, ella erguia os olhos puros para o céu, e pedia pão. O maná era para Moysés. Os adoradores do — bezerro — não soffreram a fome da orphandade. Um orphão! Ha canção mais triste? Onde? Quem a ouviu já?

O cemiterio é o templo dos mortos. Os que vão para Deus repousam lá. Moram aqui e vivem no céu. Não admira. Um sonho e uma realidade. A ficção e a verdade. Um dia a criança correo titubando de frio, e quasi vencida pela fome.

Ao longe vio no meio de arvores verdejantes e por entre arbustos floridos alvejarem as habitações mortuarias, as campas sombrias. O cemiterio é alli, disseram-lhe. Um riso nadou-lhe nos labios. Porque sorris, criança? Vou buscar a mamãe. Ella mora alli.

A mulher que fallava era mãe: chorou. A criança nunca mais esqueceu aquellas lagrimas da desconhecida. Mas porque chorava, quando elle sorria? As portas enormes do cemiterio estavam cerradas. O menino cahiu alli.

Estava fatigado. D'ali á um instante um homem rustico, abrindo as portas pesadas do palacio dos que foram, despertava a criança. Perguntou-lhe que queria. — Mostra-me a mamãe. O homem era bom. A criança ingenua. Não lhe tinha respondia. O menino internava-se na cidade funebre. As vezes bradava com a sua voz fraca e suave: mamãe. Mas o grito da avesinha perdia-se na immensidade, e o echo ao longe respondia... mãe.

O orphão é assim. Ser orphão é ser orphão, como ser mãe é ser mãe.

Não se traduz. Conserva-se esse termo da linguagem do coração. O crepusculo da tarde é menos triste. O orphão é uma especie do sacerdote da deusa, — desventura. — E' a vestal da dôr. Alimenta a lampada do seu templo. Mãe é o monossyllabo sublime. Quem o maculou jamais? Nero, o maldicto das gerações.

O monstro não tem coração, não sente, não ama. O orphão é uma folha solta de saudade. E' triste sempre. Quando chora commove. Quando ri emtristece. Luiz era orphão. Não tinha mãe. Por isso era uma criança infeliz. Mas no mundo alguém o amava. Amava-o um pae affectuoso, e uma irmã carinhosa.

Eram dois affectos puros. As vezes interrogava o papae ou a sua irmãzinha. Um e outro callavam-se. A menina chorava sempre n'estas interpeilações infantis.

E ella? Ella era uma menina gentil e galante. Chamava-se Zulmira. A estatua da innocencia devia ser assim. Não havia ente mais puro. Os anjos do céu, só essas creaturas ficticias, seriam como Zulmira. Que olhos que ella tinha! Negros como azeviche e reluzentes. As faces rubras e cabellos em anel.

Zulmira era como a borboleta travessa que corre de flôr em flôr.

Ella e elle tinham nascido sob o mesmo tecto. A infancia passavam assim. Sempre junctos, como duas rôlinhas innocentes. Beijavam-se ás vezes, e a mãe de Zulmira dizia: fallam a linguagem dos anjos, são duas creaturinhas de Deus.

Depois separaram-se, ou antes, separaram-n'os. Quem? Não sei.

O tempo decorrêra veloz. Elle, Luiz, o orphão educara-se e illustrara-se. Cultivara a sciencia de Descartes, e fallava a linguagem de Gallileu e Pascal. Então dirão que não amava siquer. A mathematica é o rochedo alcantilado onde se quebram todos os nobres sentimentos, a harpia que contaminava a alma a mais pura. Mas abutre da imaginação, mata-a. Esterilisa o talento. Só faz loucos ou visionarios. Quando nada, selvagens. E' doutrina corrente, mas é falsissima. Ha pouco liamos Littre. Littre fallava de Ampère, o pae do electro magnetismo, e o sabio francez protestava contra a opinião. Ampère era uma prova. Luiz era outra. Amava e amava de veras Zulmira. Ella era virgem. Palavra magica esta.

Tem mil encantos, mil seducções. Zulmira, dissemos nós, era uma virgem, não era simplesmente uma mulher. A virgem é mulher. E esta palavra é vasta de mais. Significa tudo.

Na mulher ha um pouco de tudo. Ha riso, e lagrima. O riso é puro ou hediondo, do céu ou do inferno, porque a mulher é Deus ou Demonio. Esta linguagem não é minha. E' dos poetas. E os poetas são abalisados. Quando fallam é como se foram prophetas. Uma palavra de poeta é uma palavra de Daniel.

Conhecem o coração humano. Sondam as profundezas da alma. Tem um microscopio com que examinam o fundo d'esse mar tempestuoso, onde ferventam as paixões.

E os poetas elevaram a mulher a altura do céu, e fiseram-n'a descer á profundidade immensa do abyssmo sem

fundo, á que chamam inferno. Um ergueu-a até o ente á que chamou Deus.

Outro abateu-a até o ser á que chamou Demonio. O 1º fez d'ella a luz, o 2º, a treva. A mulher é uma especie de palavra mysteriosa, enigma intrincado. Dá vida e mata. Salva e assassina. Tem nos labios nectar e fel venenoso. Tem seios de gêlo e de fogo. Ama e detesta. Quando ama é sublime, quando detesta é terrível.

Zulmira não era simplesmente uma mulher; era uma mulher virgem. O termo mulher tem muitas significações: esta é uma d'essas muitas. Virgem é uma phase da sua derrota. A virgem cinge a grinalda da innocencia. O passado é o collo materno, o futuro é o braço do esposo ou do amante. A virgindade é um periodo de transicção, periodo critico por consequente. A virgem é um album. O homem escreve uma palavra. Essa palavra decide do futuro. Depois a virgem será esposa ou prostituta. A 1ª entra santa e triumphante no lar. Tem um altar, é uma Deusa. A 2ª tem diante de si um abysmo horrendo, o lupanar, a corrupção, a miseria.

A dependencia da mulher se manifesta aqui. A civilisação proclama-a e mostra-a mais e mais. A obra do progresso não é nivelar os sexos. Impossivel. A civilisação tem um fim. Proclama a distincção dos sexos, e aponta o lar para a mulher: eis ali o teu lugar, impera.

A igualdade absoluta é sonho, é utopia. Mas Zulmira era uma virgem. Si Deus como todo o artista teixe ideal, ao cinzelar a Eva de Adão, Zulmira era por força esse ideal. E ella não esquecera Luiz, amava-o sempre. Mas não o vira mais, e casara-se. O casamento é assim.

O verdadeiro casamento é um drama em 3 actos. O 1º acto é um amor puro, santo, amor de fogo, uma scena de idolatria, do paganismo. O idolo chama-se virgem. O 2º acto tem as vezes dous personagens só, as vezes mais um. O lar é um céu. Elle e ella, esposo e mulher, que se amão, que se adoram, e uma criança loura, de olhos azues, ou morena de olhos negros. Essa criança é o laço. O 3º acto é uma amisade santa de dous entes que se estimam, e que vivem sempre felizes recordando saudosos o passado e cuidando do futuro dos que os cercam e extremecem.

A's vezes o casamento é uma comedia. No 1º acto não ha amor de fogo, nem scena de paganismo. Ha o amor

mania, o amor qualquer coisa, o amor etiqueta, o amor fidalgo. No 2º acto ha o amor devassidão, o amor de barregã, o amor da rua, o amor do lupanar, o amor infame. No 3º acto ha frio do pólo, gelo do deserto, dous corações indifferentes, dous entes que não se fallam, que não se olham quasi.

As vezes nem o desfecho é assim. Torna-se tragico. Vem o inferno, que abre escancarada as suas fauces hediondas.

O marido amortalha-se no manto da sua ignominia e deshonra; ou lança no fundo do abysmo horrendo, no pégo hediondo, a mulher impura, erguendo a mascara para que a sociedade veja sob a roupa da esposa os andrajos da perdida.

Zulmira casara talvez assim. Casara como fidalga. Ella e o esposo viviam, não se amavam. Luiz vio-a um dia, ao depois. Era linda. Amaram-se. Uma vez Luiz ajoelhou-se á seus pés. « Amou-a mais que nunca. Recordava os tempos idos da infancia, nunca a esquecerá um momento sequer. Ella era uma ingrata, perfida.

Quebrara as juras de outrora. Não o amava já. Parecia um sonho. Mil vezes sonhara-a linda nos seus braços. Agora via-a bella, meiga, seductora, mas nos braços de outro. Tinha a fronte escaldada, parece que sonhava. Porque não fallava? Porque não o despertava sequer? Bastava uma palavra só. Amava-o ainda? »

Mas Zulmira tinha um marido. Devia fidelidade ao seu esposo. Luiz devia respeitá-la. Então o mancebo partia desditoso. « Ella era a causa da sua desgraça, a morte o esperava » Luiz ergueu-se. Ella, deteve-o. « Ia deixá-la? Não a amava então? Mentira assim ao seu coração? » Nesses momentos não ha quem escute a voz de Deus. Deus não está em toda a parte.

Luiz voltava incendido no fogo de uma paixão criminosa Zulmira tremente cahia em seus braços.

Abriam se-lhe as portas do crime, e ella com o coração em fogo, e os labios em brasa entrava no templo da devassidão nos braços de um Bazilio.

Honny soit qui mal y pense.

Rio de Janeiro, 9 de Novembro de 1878,

LAURO SODRÉ.

A' Celina

Tens de mulher a fôrma simplesmente;
Tu'alma é de uma tempera divina;
E de teu corpo a forma alabastrina
Traz á idéa uma Venus indolente.

Na expressão de teu riso de innocente
Rebrilha um — que — de luz diamantina;
Ao luar eu te crêra alguma ondina
Ou sylpho de uma lenda do Oriente.

Eu amo-te, creança, — a poesia
Com que te cerca meu amor — não creias
Que possa ao menos te deixar um dia.

Arde-me o sangue a requeimar as veias:
Marinheiro no mar da phantasia,
Embalei-me no canto das sereias.

Côrte, 1878.

LEOPOLDO CHAVES.

Soneto

(TRADUZIDO DO HESPANHOL)

E' a porta da luz um livro aberto :
Por ella entra, creança, e te asseguro
Que para ti será no teu futuro
— Deus mais visível, seu poder mais certo.

O ignorante vive n'um deserto
Aonde a agua é pouca, e o ar impuro ;
Um grão detém seu pé pouco seguro,
Caminha tropeçando e vive incerto.

Nesse de tua idade Abril florido
Ficam no coração as impressões
Como traços de giz em negro pannos :

Estuda ; e não serás quando crescido
Nem o jogo vulgar de vis paixões,
Nem escravo servil de vis tyrannos.

FAVILLA NUNES.

Chronica

Pensativo, na mais poetica attitude e de uma janella que deita para a encantadora *Praia de Botafogo*, contempla o *chronista*, ora o sol que se occultava por trás das montanhas, espargindo rosas pelo caminho do occaso ; ora a superficie das aguas, azul como uma *turqueza* e cercada por uma aurela de espumas ; ora o *Corcovado* a se envolver na sua tunica de nevoas e languido a suspirar pelos beijos da lua, quando um impertinente e cabeçudo typo bate-nos ao hombro e, sem mais preambulos, pede-nos a *chronica*.

Chronica! repetimos nós, no auge do desespero, e cahindo no abysmo da realidade; *Chronica!* quando ainda não temos o elemento necessario para a sua confecção, quando ainda nem sequer descansamos das fadigas da ultima jornada! Oh! é de mais! E se naquelle momento de doce enlevo, em que nossa alma, cavalgando o Ideal, corria doudamente pelo mundo das phantasias em busca da phalena de seus amores, se naquelle momento, dissemos, não nos lembrassemos do respeito que tributamos ao leitor, o teriamos

mandado à *tabua* e quebrado a penna de chronista para nunca mais empunhal-a. Porém já que assim não o fizemos, já que nos assentamos a tripeça do trabalho, desenrolamos o novello dos acontecimentos, e vejamos se é possível arrancar alguma cousa do nosso encaraminhado bestunto.

*
* *

E' aqui que estão ellas! Começa logo o nosso embarço na escolha do estylo, não sabendo se o leitor gostará do puramente humorístico ou do puramente sério. Nesta incerteza, resolvemos dar-lhe uma combinação dos dois até segunda ordem, como se diz cá por casa.

Assim procedendo, julgamos agradável inclusive ao *Cruzeiro*, que no seu numero de 30 do mez findo, refirindo-se ao n.º 2 da *Revista Americana*, disse: « Quasi todos esses artigos são bem escriptos e interessantes, parecendo-nos só que o estylo da humoristica chronica não convém á uma publicação séria, que tem de fazer, n'essa secção a historia e a critica dos acontecimentos e das publicações durante um certo periodo. »

Bonito juizo, não ha duvida, e até certo ponto concordamos com o nobre commendador, porém... estariam bem arrançados os collegas da *Revista Americana* se o seu chronista, na parte que lhe toca, tomasse o negocio a sério. Asseguro-lhes que em menos de dois mezes o jornal morreria como pinto goguento, e se querem ver... experimentem.

Sem medo de errar, affirmamos que dois terços (senão mais) dos seus assignantes não acharam a menor graça nos seguintes artigos: do Sr. Moreira Pinto, sobre a *Inconfidencia*; do Sr. V. de S., sobre a *Historia da Medicina* e sobre a *Lingua Vernacula*, e do Sr. Luiz Leitão, sobre a *Collectividade de Forças*. Quanto ao do Sr. Franklin de Lima, sobre o *Eucalyptus Globulus*, nem fallemos delle; lá um ou outro curioso, destes que ainda cahem na patetice de se occupar de assumptos scientificos—o teria lido.

Ora, a vista disto, condemnar a *chronica* naquelle estylo faceto, satyrico e brincalhão, é querer a morte do jornal; e o *Cruzeiro* fazendo-o, bem mostra não ter ainda um anno de idade, bem mostra achar-se nas faxas da imprensa. Creança! Mette-se a dar pareceres desta ordem, sem conhecer ainda o paladar do nosso povo leitor, como

dizia José de Alencar; sem conhecer que este povo não gosta de acipipes; aprecia mais a sua feijoada (1) com picadinho ou sarrabulho,

Se o *Cruzeiro* se lembrasse de nos dar semelhante conselho, nós o despacharíamos do seguinte modo: Desappareça *seu* Vianna; longe de nós com as suas lamurias; vá pregar aos peixinhos, já ouviu? Sabe de uma coisa? Não queremos ler o nome da nossa *Revista* no obituario jornalístico deste paiz: Sustentamol-a com dinheiro, e quem nos dá o dinheiro são os assignantes; portanto, vivão os nossos assignantes e... rua, *seu* Vianna, rua.

Agora um conselho ao collega d'*Americana*: tape os ouvidos ao palanfronio do *Cruzeiro*, deixe os brancos na sala de visitas fallando de Sciencias, Artes, etc., etc., metta-se na cozinha e... picadinho no caso; picadinho, porque isto de « aplainar, sômente com boa vontade, as difficuldades com que lutam as publicações do genero da *Revista Americana* e esperar que o tempo faça o resto » é conversa.

A proposito de estylo, diremos ao leitor que temos andado envolto n'uma nuvem de pezares e vergado ao peso da mais clamorosa das injustiças. Foi o caso de nos haver dito uma sympathica leitora da *Revista* que iam os ventos em popa pelo caminho do realismo!!! Credo! o chronista realista?! O chronista, cuja pudicicia chega ao ponto de não ter lido ainda o *Crime do Padre Amaro* e de se benzer quando ouve fallar no *Primeiro Bazilio*?! Não, leitora de minh'alma: Estaes redondamente enganada. O chronista nunca foi, não é e nem será realista.

Poderá ser feio, (lá isso é) desenxabido, em summa, tudo o que quizerdes, porém nunca realista. Mais casto do que uma sensitiva, as suas idéas são leves como as azas de um beijo, alegres como um riso da aurora, innocentes como o chilo das aves, macias como um raio da lua e doces como os vossos olhares. Quanta innocencia! Quanto lyrismo!

E já que estamos em maré de pezares, aproveitemol-a

(1) Olha o França Junior no freguez!

para tratar do modo por que ainda se faz a *commemoração dos fiéis defuntos*. Levado pelo instinto da observação, mais de que por outro qualquer sentimento, (1) dirigimo-nos no dia 2 deste mez á um dos cemiterios desta cidade, e ali, como nos annos anteriores, vimos o verdadeiro pezar ao lado do fingimento, ambos de rigoroso luto, descansando á sombra dos cyprestes e derramando flores sobre os tumulos!

Quando, ha oito annos, pela primeira vez, assistimos ao espectáculo que apresenta a capital do imperio neste dia, dissémos, com a nossa ingenuidade de provinciano viajado: « Este povo é o mais patusco que temos visto! » E note-se que naquelle tempo não conhecíamos ainda a romaria da *Penha*, a festa de *Paqueta*, a procissão de S. Jorge, as barraquinhas do Espirito Santo, as folias do carnaval, etc.

Hoje, que conhecemos tudo isto, e mais alguma coisa, corroboramos aquelle nosso juizo, estigmatizando, no entanto, esse tradicional costume, que tanto depõe contra a nossa civilisação. Ahamol-o por demais ridículo, e aconselhamos aos que á elles são levados por um sincero pezar, que façam do coração tumulo de seus sentimentos, e commemorem por outros meios a perda daquelles que amaram. Aos que, porém, o fazem sem o menor sentimento de dor e saudade, só pelo facto de guardarem as chamadas *conveniências sociais*, aconselhamos que não profanem o recinto da morte, que não insultem aos que ali repousam, com as suas lagrimas de crocodilo! Deixem-os em paz. Não lhes faltarão as lagrimas do orvalho, os cirios das estrellas, as preces do vento e as flores do coveiro. Ao menos serão naturaes!

..

Batejado pela aragem dos tumulos, e victima do *typho monetario*, succumbio no dia 1º deste mez o *Diario do Rio de Janeiro*, o vovô da imprensa brasileira!

Como os grandes batalhadores que, apesar de feridos, voltam á luta e, visando sempre a gloria, não cessam de combater enquanto de todo não desfallecem, o *Diario do Rio*, depois de haver lutado com toda a sorte de adversidades cahio exangue de recursos, é certo, porém envolto nas

(1) O chronista não é hypocrita!

dobras da bandeira que arvorára no terreno de suas lutas gloriosas.

∴

Sob o título *Questões Sociaes*, o *Cruzeiro* inserio ultimamente em suas columnas um artigo de lord Gladstone, em que o grande estadista, estabelecendo um parallelo entre a Inglaterra e os Estados Unidos, diz : « Ambas (as nações) preferem o pratico ao abstracto.

São tolerantes de opiniões, contanto que não sejam indecentes, e querem que só acções sejam refeedas, mas que ao pensamento, como tal, se dê perfeita liberdade. Teem em muito apreço a liberdade, por amor della propria. Querem que se deixe desenvolver plenamente entre o povo o principio de confiar cada um em si mesmo, e julgam que é incomparavelmente melhor dar à cada um occasião de ajudar-se a si proprio do que ajudá-lo á elle, seja qual for o modo — e que esse, enfim, é o unico systema de auxiliar tão firmemente estabelecido que não precisa mais, para estabelecer o seu direito, ser continuada ou periodicamente ensaiado de novo.

Desconfiam e têm aversão á centralisação do poder; e fomentam as liberdades municipaes, locaes e até parochiaes, como viveiros, não só para produzirem de vez em quando alguns homens proeminentes, mas para educarem o povo em geral na virtude publica e desenvolver nelle um espirito independente. Consideram que na politica a publicidade é seu ar vital, sendo que só onde ella existe podem as opiniões ser reunidas em um fundo geral para bem de todos e o equilibrio das obrigações e direitos relativos ao habitual e pacificamente ajustado. »

Ora, eis aqui um pedacinho que vale o *catecismo* de um povo; e se tivéssemos poder para tanto, obrigariamos o governo a estudar-o, depois aos senadores e deputados e finalmente ao povo. Mas, perguntará o leitor, porque não obrigaria em primeiro lugar ao povo? Por uma razão muito simples: porque no estado actual é do governo que nos vem tudo; do mesmo modo que uma formula algebrica condensa, quasi sempre, a solução de uma infinidade de problemas, o governo, entre nós, condensa a solução de todas as questões administrativas, legislativas, judicarias, etc., etc.

E' pois, necessario que a instrucção comece por elle.

Já vê o *Cruzeiro* que também nos occupamos de cousas sérias, enquanto elle, abre na sua edição da tarde (novo formato) uma secção *humoristica*.

∴

A imprensa da Corte acha-se de luto!

O Sr. Nicoláo do Rego, autor das *Lagrimas de um Anjo*, das *Inspirações da Mocidade* e de... outras *bétises*, declarou pela *Gazeta de Noticias* do dia 12 do corrente que se retirava para Montevidéo e que n'aquella provincia (!!!) punha o seu prestimo a disposição de seus amigos.

Caramba! que se o coronel Latorre chega a ler isto, com certeza ficará persuadido de que os brasileiros tratam de fazer com que a Republica Oriental do Uruguay, sob seu governo, volte a ser o que d'antes fôra — nossa *Provincia Cisplatina*. E quem sabe se d'ahi não se originará ainda um conflicto *inter-Rego*?

Do que posteriormente occorrer, daremos conhecimento aos nossos leitores, e fecharemos esta noticia publicando a *despedida* do Sr. Rego à sua *Ella* :

Adeus Mariah ! Eu parto;
Abraça o teu Nicola,
Que a vida, por ti carrega
No cano de uma pistola !

Fuego, muchacho!

*
* *

Reabriu-se, finalmente, o *Alcazar*, inferno de muita gente e céu onde tem luzido *estrellas de primeira grandeza* acompanhadas de innumerables *satellites*.

Consta-nos que *la neuve troupe* possuie artistas de merecimento e... tentações ! tentações !

Tambem já era tempo : o Verão se aproxima, e com elle os deputados — e para taes flagellos só taes preservativos.

*
* *

Ancho, muito mais ancho do que o Sr. Miguel Angelo, com as fumigações do seu *Eurico*, e com a pateada que levou na noite de 14 deste mez, ficamos nós com a noticia que de Roma nos transmittiram acerca do esplendido suc-

cesso que teve no theatro *Argentina*, daquelle cidade, a opera *Salvador Rosa*, do nosso querido Carlos Gomes. Não menos de tres jornaes italianos (*L'Arvenire d'Italia*, *Opinioni*, de Roma, e *Gazetta Muzicale de Milano*) se occupam d'aquelle successo em termos os mais lisongeiros para o inspirado maestro.

Oh! se podessemos transpor o Atlantico e penetrar na patria das Artes, daríamos mil abraços em quem, por tão baixo preço, (1) vae levantando na culta Europa o nome do Brasil. Mas, na impossibilidade de o fazer, fique-nos a vontade e seja esta noticia a *chave de ouro* da *Chronica*.

M. V.

(1) Como é sabido, Carlos Gomes apenas tem uma pensão de 400\$ mensaes, devida aos esforços de Alfredo Taunay, quando deputado, ao passo que qualquer filhote das nossas legações ganha muito mais, para... se envergonhar de representar sua patria no estrangeiro!

